

J. FERNANDES MASCARENHAS

A POPULAÇÃO DE MONCARAPACHO NO SÉCULO XVI
LIVRE E ESCRAVA
ATRAVÉS DE RÓIS DE CONFESSADOS INÉDITOS



Olhão
1985

J. FERNANDES MASCARENHAS

A POPULAÇÃO DE MONCARAPACHO NO SÉCULO XVI
LIVRE E ESCRAVA
ATRAVÉS DE ROIS DE CONFESSADOS INÉDITOS



Olhão
1985

Separata de «A VOZ DE OLHÃO»

POR TERRAS DO ALGARVE

Ensaio de História e Arqueologia

I — CONSIDERAÇÕES GERAIS

Moncarapcho é uma freguesia que data de 1471, tendo sido fundada por uma provisão do Bispo de Silves D. João de Melo, de 19 de Junho desse ano (1). É, pois, uma das mais antigas freguesias do Algarve, verificando-se ainda uma referência muito importante do reinado de D. Fernando I sobre a existência do lugar que, mais tarde, deveria ser a sede da freguesia.

É uma carta pela qual esse monarca, em 1368, deu de aforamento a João Afonso e a todos os seus sucessores uma vinha e figueiras que tinha em Tavira «em o logo que chamam Moncarapacho» (2). Portanto, como **logo** era já uma pequena povoação. E as suas famílias deixaram descendentes que, logicamente, teriam pugnado pela criação da freguesia, as quais vamos em grande parte encontrar nos registos paroquiais da mesma freguesia, hoje no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, inclusive a família Afonso, certamente ligada a esse João Afonso a quem D. Fernando I fez a citada doação.

A propósito devemos dizer que o Algarve tem livros de registos paroquiais muito antigos. Entre eles, de Loulé (S. Clemente), Misto-1, de 1540-1575; Moncarapacho, Misto-1, de 1543-1548 (o mesmo livro tem termos de óbitos de 1540 (3), embora no respectivo catálogo não venha indicada esta data); Tavira (Santa Maria), Baptismos, de 1562-1646; Odeáxere, Misto-1, de 1566-1612 e Cacela, Misto, de 1570-1586.

Nesse livro de Moncarapacho, de assentos de baptismos, casamentos e óbitos (estes com testamentos na parte referente a legados pios), existem também no final do mesmo rois de confessados de grande interesse para o estudo da demografia de Moncarapacho e desta importante zona do Algarve. Este livro devia até, se fosse possível, ser integralmente publicado em Fac-Símile. Era um trabalho de que nos encarregaríamos com prazer.

Esses rois de confessados descobrimos e consultámos pela primeira

vez há muitos anos, quando o referido livro ainda se encontrava no Cartório Paroquial de Moncarapacho, na altura em que era prior dessa freguesia o nosso saudoso amigo, Rev. Padre António de Jesus Alagaia (4), e, posteriormente, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, onde deu entrada com os restantes livros de registos paroquiais dessa freguesia, em 14 de Janeiro de 1953.

Além dos mesmos nos indicarem a quase totalidade da população da freguesia nessas épocas distantes, livre, escrava e liberta e as suas profissões, indicam-nos também os respectivos sítios ou **contios** como frequentemente eram designados. Claro que nem todos teriam feito a sua desobriga pascal, dado que a religião é livre e a Igreja Católica nunca quis tais actos obrigatoriamente. Isso seria absurdo, pois o divino fundador da mesma Igreja, Jesus Cristo, nunca obrigou ninguém a segui-lo ou a ouvir as Suas pregações. Porém, a percentagem dos que não teriam feito a desobriga foi pequeno nessa época de muita religiosidade. O próprio livro citado, indica os que não se desobrigaram e até um dos motivos dessa falta. O preceito pascal era, como hoje, só a partir da idade do uso da razão, quando já existe consciência do que é o pecado.

Tanto nos rois de confessados como nos termos de baptismos, casamentos e óbitos, constam imensas referências preciosas sobre a população e a vida social da época.

O primeiro rol de confessados a que nos vamos referir, deve datar de 1541. Não vem expressamente indicada a data, mas o rol seguinte é o de 1542 e não há folhas deslocadas ou rasgadas em qualquer dos dois rois.

II — A TOTALIDADE DOS CONFESSADOS E A POPULAÇÃO ESCRAVA

A totalidade da população confessada em 1541 foi de 1505. Dela constam 65 escravos e 40 escravas, o que totaliza 105. Por confessar são indicadas 22 pessoas com os respectivos nomes e 13 ausentes.

Entre a população escrava os nomes que predominam são os seguintes: António 11, João 9, Pedro 6, Manuel 5, Francisco 5, Maria 6, Joana 6, Catarina 5 e Bárbara 3.

A par destes nomes aparecem-nos Antónia, **Bastiam** (Sebastião), Beatriz, **Beltazar** (Baltazar), Brás, Cristovão, Diogo, Domingos, Duarte, Filipe, Francisca, Gaspar, Ginebra, Guiomar, Inês, Isabel, **Joane** (João), Jácome, Joaquim, Jorge, Jordão, **Leanor** (Leonor), Luzia, **Madanella** (Madelena), Simoa, Tristão, Vera, etc.

Além da população escrava aparecem-nos 3 forros: António, Belchior e João Fernandes.

Os escravos, certamente de procedência africana, deviam existir na freguesia já em épocas anteriores, talvez desde os primeiros anos das descobertas, após a sua vinda para o Algarve. Como que faziam parte

das próprias famílias a avaliar pelos seguintes registos, entre muitos outros que se encontram neste, e noutros rois de confessados, do Livro **Misto-1** do Arquivo Paroquial de Moncarapacho, por nós devidamente compulsado:

Casas Juntas segundas

Vasqueanes Mourato

Caterina Lopes sua mulher

Graviel (Gabriel) filho menor

Lansarote escravo

Pedro escravo

Caterina escrava

Joana escrava

Joane (João) criado (5).

Foupana

Gaspar Afonso

Felipa Viegas sua mulher

Bastiam (Sebastião) escravo

Simão escravo

Isabel escrava (6).

Bias

Francisco Fogaça

Dona Francisca sua mulher

Pero Dias Berredo menor

Jorge Fogaça menor

Maria Tomé criada e seu marido

Bárbara escrava

Jorge escravo

João escravo

Beatriz Afonso

Francisco

Diogo Pires

Maria Gaga sua mulher

Domingos filho menor

Gaspar escravo

João escravo

Isabel escrava

Beatriz criada menor

António escravo (7).

A Rotea (Arroteia)

Ginebra Pessanha

Isabel criada

Diogo escravo

Jácome escravo

Belchior forro

João Fernandes torro

António escravo (8).

Domingueanes

Caterina Lourenço sua mulher

António escravo

Manuel criado (9).

Estiramanteis

Vasco Dias

Maria Afonso sua mulher

Caterina filha menor

Tomé filho menor

Martinho escravo

Manuel criado (10).

Mas, afinal, todos esses escravos se ligaram, por casamentos, com a população branca, não se verificando hoje quaisquer indivíduos de cor na freguesia, salvo os que vieram para o Algarve após a descolonização dos nossos antigos territórios ultramarinos. Até por que os portugueses foram sempre pouco racistas e mais humanistas, o que nos valeu neste aspecto um conceito pouco elogioso entre os países racistas por excelência, os quais, mais tarde, com falsos sentimentos humanitários viriam dizer precisamente o contrário acerca dos portugueses, na mira da referida descolonização que, infelizmente, se efectivou de forma catastrófica, quando podia ter sido feita por processos inteligentes e humanitários, o que não se verificou, persistindo como uma das manchas mais negras da nossa história. Nós estávamos em Moçambique quando isso se passou!

III — FAMÍLIAS E PROFISSÕES

Entre os membros das famílias brancas de Moncarapacho dessa época, contam-se os seguintes, destacando os seus apelidos:

Dias (Manuel); Sousa (Francisco); Lourenço (João); Silva (**Caterina**); Afonso (Isabel); Domingues (Lourenço); Gaga (Guiomar); Dias Carvalho (João); Roiz (Afonso); Pires (Gaspar); Romano (Manuel); Lopes (**Leanor**); Rapoza (Maria); Delgado (André); Martins (Fernão); Marques (Inês); Estevens (João); Fernandes (Branca); Álvares (Afonso); Almeida (João de); Gomes (Gonçalo); Vaz (**Leanor**); Gonçalves (Gaspar); Viegas (Constança); Orta (Pedro Martins); Mourato (Vasqueanes); Freitas (Beatriz); Anes (Pedro); Brito (Francisco); Mendoça (Filipe); Pinheira (Simoa); Pereira (Domingas); Leitão (**Pero** Gonçalves); Taborda (Mór Luís); Luís (Margarida); Nobre (Domingos); Neta (Constança); Abreu (Caterina); Mealha (João); Pessanha (Ginebra); Soares (Gaspar); Vilão (Manuel Martins); Morena (**Caterina**); Peral (João Afonso); Freire (Manuel); Revez (João); Madeira (Diogo); Peleja (Diogo Gil); Roiz (João) da Lagoa; Pessanha (Luís); Fogaça (Francisco); Berredo (**Pero** Dias); etc.

Além destas famílias, residiam na freguesia os Corte-Reais e outras famílias nobres, as quais serão estudadas noutra oportunidade.

No referente a profissionais, encontrámos João Gonçalves, mercador; Francisco Álvares, sapateiro; João Fernandes, sapateiro; Gonçalo Gomes, oleiro; António Fernandes, barbeiro; João Fernandes, alfaiate; Tomás Roiz, ferreiro; António Fernandes, sapateiro; Pedro Fernandes, mercador; Gaspar Gonçalves, tosador; Rodrigo Afonso, ferreiro; Afonso Anes, carnicheiro; João Gonçalves, pedreiro; Gaspar Afonso, arrieiro; João Vaz, meirinho; António Anes, carnicheiro; João Esteves, almocreve; António Lourenço, alcaide; João Vicente, moleiro; Afonso Lourenço, ermitão; **Bastiam** Costa, pedreiro; Álvaro Bartolomeu, pedreiro; Baltazar Lourenço, ermitão; Brás Fernandes, ferrador, etc. Paralelamente aos agricultores que eram em maior número.

Em Moncarapcho, segundo o Rol de Confessados de 1541, existiam, entre outros, as seguintes profissões: Alfaiates, Lavradores, Almocreves, Alcaides, Arrieiros, Barbeiros, Carniceiros, Ermitães, Ferradores, Ferreiros, Meirinhos, Mercadores, Moleiros, Oleiros, Pedreiros, Sapateiros, Tosadores. Como Moncarapacho não tem nem teve castelo, o alcaide que aqui nos aparece deve ser sinónimo de oficial de justiça, ou alcaide menor.

O cura da paróquia era na altura o Padre Martim Afonso que, desde de Janeiro de 1544, passou a intitular-se Capelão de El-Rei Nosso Senhor, enquanto que nenhum dos curas que se lhe seguiram usaram tal título. Certamente que foi distinguido pelo monarca reinante, na altura D. João III.

O próprio Capelão de El-Rei e Cura de Moncarapacho é o primeiro que, nos rois de confessados dá o exemplo, desobrigando-se com todos

os seus familiares, incluindo os escravos e criados. No Rol de 1541 até figuram numa folha separada a abrir a série de confessados.

Seria este cura Martim Afonso da família do tal João Afonso a quem D. Fernando fez a citada carta de aforamento? É possível que a família fosse a mesma.

Pelos termos de baptismo ainda se acentua mais o espírito humanitário dos respectivos senhores para com os seus escravos, servindo de padrinhos dos neófitos, como por exemplo no seguinte:

«Aos — 6 de Outubro de 1561 eu Diogo Álvares clérigo de missa bautizei Francisco escravo de Diogo de Sárea (Sárrea) foi compadre Afonso Lourenço e comadre Isabel Fernandes por verdade assinei» (11).

Por outro lado, quer neste rol de confessados (pois além destes outros posteriores existem), quer nos assentos de baptismos, casamentos e óbitos outras referências de interesse também obtivemos, designadamente os nomes dos sítios da freguesia.

IV — SÍTIOS DA POPULAÇÃO CONFESSADA

Com base nos citados rois de confessados encontramos além da Aldeia os seguintes sítios:

Casas Juntas primeiras; Casas Juntas segundas; do Termo de Tavira para o mar; Álamos e Pinheiros; do Termo de Tavira da estrada para o mar; da estrada de Tavira para o mar; **Rotea** ou Arroteia (12); Bias; Foupana; **Estymateis**, **Estiramateis**, **Estiramanteis** e Estiramantens, (repare-se bem nas três primeiras formas, pois existem divergências sobre a origem deste topónimo e as mesmas formas são inéditas; e, ainda, temos ouvido referir a uma outra (**Estragamanteus**); Termo de **Farão** da estrada para o mar; **Bell Romão**, Belromão; Termo de **Farão** para a serra; Termo de Tavira da estrada para a serra e Cabanas e Moinhos. E nos livros de baptismos, casamentos e óbitos também se encontram nomes de outros sítios que não figuram nos rois de confessados. Certamente designações dadas posteriormente aos referidos rois.

Quanto a Estiramantens, como hoje se escreve, este sítio foi sempre da freguesia de Moncarapacho. Havia, porém, Estiramantens de Moncarapacho e Estiramantens de Santo Estêvão, o que equivale a dizer que o sítio devia ter sido uno, sendo dividido em dois quando as duas freguesias foram separadas da de Santiago de Tavira. Hoje, não se sabe como, já não pertence a Moncarapacho, mas não consta que tivesse havido qualquer plebiscito para tal facto. E nele nasceram alguns moncarapachenses destacados, como por exemplo, a Senhora D. Maria da Purificação Palermo de Mendonça, grande benemérita e grande cristã, cujos restos mortais repousam em jazigo de família no cemitério de Moncarapacho.

V — O SÍTIO DAS CABANAS E MOINHOS CORRESPONDENTE À FUSETA

Cabanas e Moinhos, especificadamente Cabanas, só pode corresponder ao local onde existe a freguesia da **Fozeta** ou Fuseta, como actualmente se escreve. E quer no Rol de Confessados de 1541, quer nos de 1542, 1544 e 1546 não era designada com o nome que tem hoje. Aliás, a designação de Cabanas está de acordo com a tradição que as localiza na Fuseta.

No Rol de 1541 vêm registadas nas Cabanas e Moinhos três pessoas não confessadas. São elas: nas Cabanas, Nicolau Afonso e António Gonçalves e, nos Moinhos, Pero Homem. Distinguiram aqui os Moinhos das Cabanas, mas no Rol de 1546 vêm juntos. Dá-nos a impressão que os confessados de 1541 foram talvez englobados numa área como a seguinte: «Termo de Tavira para o mar».

Mas já no Rol de 1546 (supomo-lo desta data; as suas folhas encontram-se muito danificadas e já sem a respectiva numeração primitiva), aparecem muitos confessados especificadamente das Cabanas e Moinhos. É um rol de muito interesse para a Fuseta, aproveitando esta oportunidade para o revelar, pois está também inédito.

Cabanas e moinhos

António Fernandes Galego

Caterina Lourenço sua mulher

Isabel Fernandes sua filha

Joane filho

Fernão Dias

Leanor Pires sua mulher

Francisca filha

Marta cunhada

João Fernandes carpinteiro

Vasco Fernandes filho

Beatriz Fernandes filha

Isabel filha

Domingos filho

Gaspar Lourenço

Caterina Fernandes sua mulher

Bárbara filha

Margarida filha

António Fernandes

Beatriz Afonso sua mulher

Beatriz Fernandes sogra

Beltezar

Guimar Roiz sua mulher

Joane filho menor

Gaspar filho menor

Branca filha menor

Luís Vaz Velho

Isabel Martins

Bernarda filha

Martim Simão

Caterina Vaz sua mulher

João Simão filho (13).

VI — COMENTÁRIO SOBRE O EMPREGO DA POPULAÇÃO ESCRAVA

É curioso que aí não nos aparece nenhum escravo, escrava ou liberto, quer no rol de 1541, quer no de 1546. Quer dizer, que a população marí-

tima e a ligada aos moinhos de maré, os quais ainda lá se vêem já meio destruídos, não utilizavam a mão de obra escrava. Onde ele nos aparece mais é em ricos proprietários agrícolas. E a família Fernandes é a que predomina entre os confessados das Cabanas e Moinhos, seguindo-se a Lourenço e as restantes indicadas no referido rol.

A freguesia de Moncarapacho fundada em 1471 apenas com 100 fogos (14), ou sejam aproximadamente 500 pessoas, desenvolveu-se e a sua população em 1541, a ajuizar pelos rois de confessados, era mais do dobro.

A mão de obra escrava destinava-se principalmente à agricultura, como dissemos, e ao arroteamento dos terrenos. E enquanto que parte da população livre da freguesia de Moncarapacho se dedicava também à agricultura uma outra parte ia para o Norte de África e para outros pontos do globo na aventura dos descobrimentos.

Algumas das famílias citadas anteriormente muitas delas desapareceram ou extinguiram-se mesmo, designadamente muita gente fidalga, a que se refere Frei João de S. José, ilustrado monge eremita de Santo Agostinho que viveu durante vários anos em Tavira, no convento da Graça.

É da Corografia do Reino do Algarve da sua autoria, por nós tantas vezes consultada na Secção dos Reservados e Manuscritos da Biblioteca Nacional de Lisboa, a seguinte passagem bem elucidativa sobre o assunto:

Moncarapacho «é um lugar pequeno duas léguas de Tavira cujo termo é. Mas tudo ao derredor de si tem povoado de quintas em que continuamente mora muita gente fidalga, e outros homens honrados que vivem por suas fazendas. É terra abastada porque nela se colhe o principal figo e azeite de todo o Algarve» (15). Frei João de S. José nesta passagem refere-se à aldeia principalmente, pois a freguesia é bastante extensa.

Pena é que a esses rois de confessados já lhe faltem folhas e outras, não muitas, se encontrem rasgadas, restando delas apenas alguns pedaços. Neles certamente figuraram também os Corte-Reais, que não nos aparecem nos rois; mas que viveram na freguesia de Moncarapacho alguns membros dessa ilustre e poderosa família não temos a menor dúvida, pois possuímos documentação que o comprova, como aliás já o temos afirmado em trabalhos por nós publicados e em outros que temos prontos a publicar.

VII — O VALOR DOS REGISTOS PAROQUIAIS

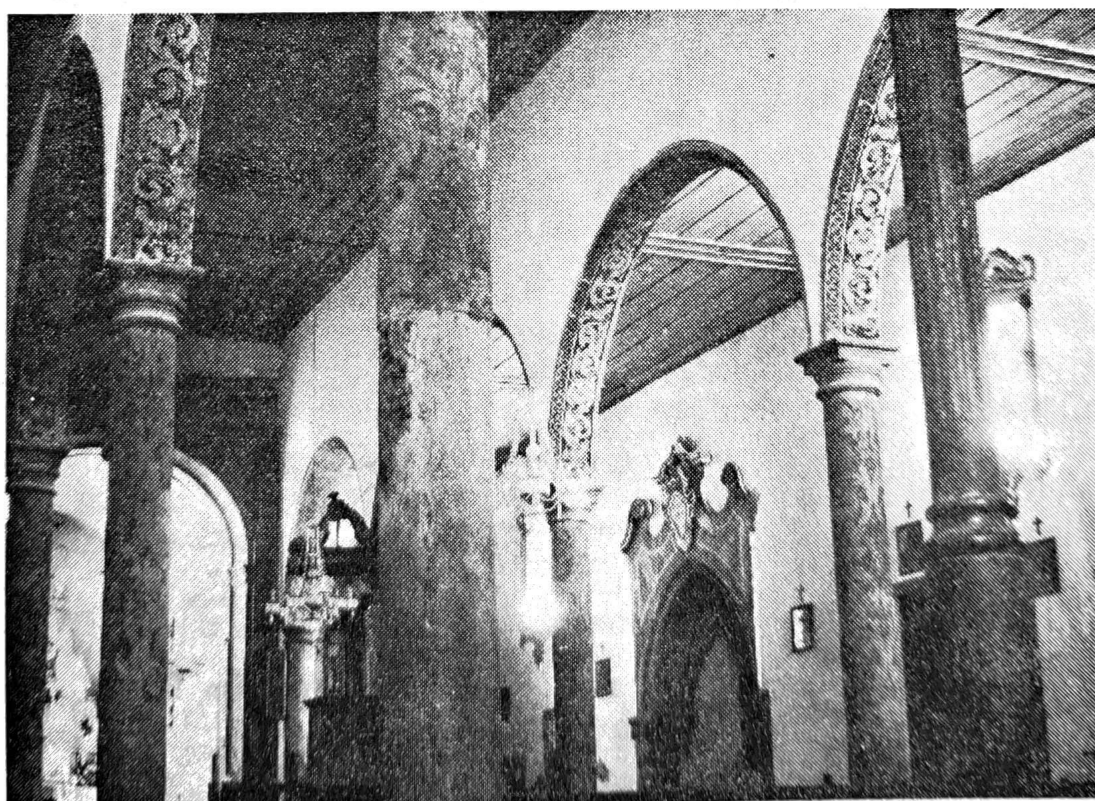
Com os registos paroquiais podem elaborar-se trabalhos de alto interesse histórico, utilizando os assentos de baptismos, casamentos e óbitos e os rois de confessados. Só é pena que muitos desses registos se tivessem perdido ou detruído, como os de Albufeira, Pechão, Santo Estêvão de Tavira e de outras terras do Algarve.

Quanto aos de Moncarapacho houve sempre o louvável interesse em os conservar, como aliás sucedeu com todos os seus valores arqueológicos, artísticos e monumentais, por cuja defesa e conservação temos lutado desde que nos entendemos e queremos continuar a lutar.

Mas não só os registos paroquiais nos interessam sobremaneira, é toda a documentação ainda existente, não só de Moncarapacho como de todo o Algarve. São valores que se devem conservar, arquivar e catalogar devidamente, para se poder fazer a história autêntica que, afinal, é a resultante, não só da acção dos chefes como também dos seus subordinados, o mesmo é dizer, de todos os sectores da vida social.



1 — Restos dos citados Moinhos de Maré



2 — Interior da Igreja Matriz de Moncarapacho

NOTAS

(1) **Livro das Escrituras da Fábrica, N.º 1**, fls. 112 V a 113 V, por nós publicada, pela primeira vez, na altura das festas do 5.º centenário de Moncarapacho. João Baptista da Silva Lopes, nas suas **Memórias para a História Ecclesiástica do Bispado do Algarve** cita-a, a p. 273, sem a transcrever.

(2) Alberto Iria — **O Algarve e os Descobrimentos**. Documento do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Refere-se a uma concessão de El-Rei D. Fernando I que diz assim: «Carta por que o dicto senhor deu a foro para todo o sempre a Joham Afonso e a todos seus sucesores hua vinha com hua peça de figueiras que o dicto senhor ha em Taura em logo que chamam Moncarapacho». Repare-se que escrito como hoje se escreve e não com **x**, **como** erradamente alguns historiadores e escritores escreveram nos seus livros.

(3) No ano de 1540, aparecem no livro M-1 da freguesia de Moncarapacho vários termos de óbito, como por exemplo este, a folhas 49:

Aos 6 dias de Fevereiro de 1540 anos faleceu João Martins da Fornalha e foi enterrado em a cova de seu pai.

(4) O nosso interesse pelos registos paroquiais e pelos escritos notariais, documentos de muito interesse para o estudo da história vem de longe, pois já em 1933, publicávamos no jornal «A Nossa Aldeia», de que fomos redactor principal, n.º 1, de 18 de Julho, um artigo acerca dos registos paroquiais de Moncarapacho, sob o título: «Velharias da Nossa Aldeia-Registos Paroquiais Anteriores e Posteriores ao Concílio de Trento».

(5) **Registos Paroquiais de Moncarapacho**, (A. N. T. T.), Livro-M-1, fls. 98.

(6) **Idem**, fls. 103 v.º.

(7) **Idem**, fls. 104 e 105.

(8) **Idem**, fls. 101.

(9) **Idem**, fls. 103 v.º.

(10) **Idem**, fls. 103 v.º.

(11) **Idem**, fl. 1.

(12) Da Rotea ou Arroteia, pertencente à freguesia da Luz de Tavira, em cujo sítio se ergue a Capela de Nossa Senhora do Livramento, vinham confessar-se a Moncarapacho no cumprimento do preceito pascal.

Roteia como vem nos rois de confessados, ou Arroteia como hoje se escreve, quer dizer terra que principia a ser cultivada. Roteia ou Arroteia deriva de rotear ou arrotear. Devia ter sido uma zona do Algarve que tomou esta designação na altura em que, após a conquista aos mouros, começou a ser cultivada.

(13) **Registos Paroquiais de Moncarapacho**, Liv. M-1, fls. 133. Sobre a Fuseta, **vide** também J. Fernandes Mascarenhas — **Origem dos Topónimos do Concelho de Olhão e de alguns dos seus sítios**. Tavira, 1962.

Num documento do século XVI, **em leitura nova**, «um instrumento de venda, renda e aforamento, feito em 1572 por Francisco Nunes e sua mulher Luzia Vicente à Igreja de Nossa Senhora da Graça de Moncarapacho, aparece-nos a Fuseta com um sítio, onde os doadores viviam, ficando a propriedade no ainda hoje sítio de Belromão» (In trabalho citado, do autor, pp. 10 e 11). Foi este o primeiro documento em que nos apareceu tal topónimo, mas escrito **Fozeta**.

(14) **Livro das Escrituras da Fábrica**, N.º 1 (Moncarapacho), **cit.**

(15) Frei João de S. José — ob. cit., fls. 53.

Vide também J. Fernandes Mascarenhas — **Motivação das Comemorações de um Centenário, in Moncarapacho, Algarve-Portugal — Comemorações do 5.º Centenário da Freguesia, Junho a Dezembro de 1971.**

* O texto que agora se publica virá incluído, com várias ampliações, em um trabalho por nós a publicar, não só sobre aspectos populacionais como muitos outros desta região algarvia.

Na transcrição dos documentos, cujos originais se encontram em letra do século XVI, desdobrámos as abreviaturas em ortografia corrente para uma mais fácil leitura e composição tipográfica, e mantivemos, para não lhes tirar o sabor, alguns nomes próprios como se encontram nos respectivos originais.

Nota final — Embora condenável, a escravatura foi uma triste realidade, até entre os povos cristãos, em manifesta contradição com a doutrina de amor e liberdade pregada por Jesus Cristo, que considera todos irmãos, com uma alma imortal e sem distinção de raças.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

Além dos manuscritos indicados no respectivo texto, foi consultada a seguinte bibliografia:

A Nossa Aldeia (jornal), n.º 1, de 18 de Julho de 1930.

Iria, Alberto — **O Algarve e os Descobrimentos**, Lisboa, 1951.

Lopes, João Baptista da Silva — **Memórias para a História Ecclesiástica do Bispado do Algarve**, Lisboa, 1848.

Mascarenhas, J. Fernandes — **Origem dos Topónimos das Freguesias do Concelho de Olhão e de alguns dos seus sítios**, Tavira, 1962.
Motivação das Comemorações de um Centenário «In Moncarapacho-Comemorações do 5.º Centenário da Freguesia», Olhão, 1971.

Neto, Maria Cristina Santos — **A População Escrava entre 1603 e 1632 na Freguesia de Santa Maria do Castelo (Alcácer-do-Sal) através dos livros de baptismos**, in «Livro do Congresso — Segundo Congresso sobre Monumentos Militares Portugueses», 1984.

Neto, M. de Lourdes Akola da Cunha Meira do Carmo da Silva — **A Freguesia de Santa Catarina de Lisboa no 1.º Quartel do Século XVIII**, (Ensaio de Demografia Histórica) — Centro de Estudos Demográficos do Instituto Nacional de Estatística, Lisboa, MCMLIX.

Nobre, Antero — **O Termo de Olhão**, Vila Real de Santo António, 1974.

Oliveira, Padre Miguel de — **As Paróquias Rurais Portuguesas**, Lisboa, 1950.

Oliveira, Francisco Ataíde de — **Monografia do Concelho de Olhão da Restauração**, Porto, 1906.

Vasconcelhos, J. Leite de — **Etnografia Portuguesa**, Lisboa, 1958, Vol. IV.

Í N D I C E

	Pág.
I — Considerações gerais	5
II — A totalidade dos confessados e a população escrava	6
III — Famílias e profissões	8
IV — Sítios da população confessada	9
V — O sítio das Cabanas e Moinhos correspondente à Fuseta	10
VI — Comentários sobre o emprego da população escrava ...	10
VII — O valor dos registos paroquiais	11

ALGUNS TRABALHOS DO AUTOR :

No Rumo da Educação.

O que os documentos nos dizem sobre alguns aspectos da vida económica do Algarve no século XVIII.

Organismos Oficiais de Estatística Portuguesa e seus Dirigentes — Da Secção de Estatística e Topográfica ao Instituto Nacional de Estatística (1841-1958).

Coexistência Cultural no Ultramar Português.

Considerações sobre os factores educativo e económico no cooperativismo.

A Cooperativa Agrícola do Limpopo.

As Caixas de Crédito Agrícola Mútuo do Algarve no Desenvolvimento Agro-Pecuário da Província (Comunicação às I Jornadas das Cooperativas de Crédito do Algarve).

Da Origem e Evolução das Armas Nacionais: sua crítica.

A luta contra os franceses em Olhão à luz de novos documentos.

A Origem da Ordem do Carmo em Portugal nas suas relações com a Ordem de Malta.

Nicho e Capela de S. Gonçalo de Lagos (Relatório sobre a sua restauração).

S. Gonçalo de Lagos — Subsídios para o estudo da sua personalidade e do seu culto (IV da colecção «Estudos Algarvios» da Casa do Algarve em Lisboa).

A confusão dos cultos de S. Gonçalo de Lagos e S. Gonçalo de Amarante.

O culto de S. Gonçalo de Lagos na Família Real Portuguesa.

S. Gonçalo de Lagos venerado no Colégio Universitário Agostiniano de Coimbra.

(Comunicações apresentadas ao I Colóquio Gonçalino e reunidas num volume sob o título «Algumas facetas do culto a S. Gonçalo de Lagos».

A Herdade da Coroada e o Tratado das Terçarias de Moura.

À Conquista da Vitória (Manual organizado pelo autor e editado pela Obra dos Soldados — Direcção Nacional da Juventude Católica).

As Festas do Natal, Ano Bom e Reis no Algarve (Subsídios de etnografia e folclore).

A Actual Nomenclatura das Ruas de Moncarapacho.

O Cerro de S. Miguel.

Santo Cristo — Subsídios sobre o seu culto em Portugal, especialmente em Ponta Delgada e Moncarapacho.

Cinco séculos na vida de uma freguesia (Discurso inaugural das comemorações do 5.º centenário de Moncarapacho).

Algumas doações de D. Dinis em Faro e seu termo.

Páginas Gonçalinas — Lembrando S. Gonçalo de Lagos e a sua mensagem.

Chocué — Nome primitivo da cidade de Trigo de Morais e outros topónimos das principais localidades do distrito de Limpopo.

A luta contra os franceses à Ponte de Quelfes.

POR TERRAS DO ALGARVE — ENSAIOS DE HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA

D. Maria da Graça Pessanha e a Capela da Farrobeira.

A Arte Gótica no Algarve — Uma imagem da Virgem e uma cruz da igreja de Santo Estêvão de Tavira.

O Vinho da Fuseta e a Economia do Algarve (Subsídios).

Origem dos Topónimos das Freguesias do Concelho de Olhão e de alguns dos seus sítios.

Elementos de Arqueologia sobre o Algarve.

Fornos de cerâmica e outros vestígios romanos do Algarve.

A verdadeira naturalidade de Diogo de Mendonça Corte-Real.

Alguns subsídios arqueológicos sobre a antiga cidade de Balsa.

Dois documentos arqueológicos recentemente achados, sobre os judeus no Algarve.

A população de Moncarapacho no século XVI, livre e escrava, através de rois de confessados inéditos.

Agradecimento — Cumpre-nos agradecer ao ilustre Senhor Director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo as facilidades concedidas para obter os microfilmes dos rois de confessados a que nos referimos no presente estudo.

Fotos: da «Photocor-Faria», Moncarapacho; do autor; e da «LAFO», Laboratórios Fototécnicos, Lda., Lisboa.

Composto e impresso nas oficinas da
Empresa Litográfica do Sul, S. A. R. L.
— Vila Real de Santo António —
—— 500 ex. — 11 / 85 ——

SEPARATAS DE «A VOZ DE OLHÃO»

- 1 — A luta contra os franceses à Ponte de Quelfes**
por J. Fernandes Mascarenhas
- 2 — António Henrique Cabrita, nadador prestigiado**
por Fernando Cabrita
- 3 — O Poeta João Lúcio — Apontamento Biográfico**
por Antero Nobre
- 4 — A População Olhanense — Sua Origem e Evolução**
por Antero Nobre
- 5 — O Doutor Fernandes Lopes — Apontamento Bio-
-bibliográfico — por Antero Nobre**
- 6 — O Centenário do Nascimento do Cônego Monsenhor
Dr. António Baptista Delgado**
por D. Ernesto Gonçalves Costa
- 7 — Grutas do Cerro da Cabeça — A «Gruta da Senhora»,
para possível aproveitamento turístico**
por um grupo de Jovens Espeleólogos
- 8 — O Fenómeno da Simultaneidade em João de Deus**
por Fernando Cabrita
- 9 — No Centenário do Nascimento do Dr. F. Fernandes
Lopes — por Mariana Amélia Machado Santos**
- 10 — Subsídios para uma Bibliografia Olhanense**
por Antero Nobre
- 11 — A população de Moncarapacho no Século XVI, Livre
e Escrava, Através de Róis de Confessados
Inéditos — por J. Fernandes Mascarenhas**